
O Capital de Marx como expressão de um método inovador

Claus Germer¹

Resumo: O motivo da atualidade de *O Capital* é não apenas o seu conteúdo, mas também o seu método, o materialismo histórico. O artigo insere o desenvolvimento deste em linha de continuidade com o materialismo naturalista, que emerge na fase de auge/declínio do feudalismo. O materialismo histórico é concebido como uma fase avançada do materialismo, cuja emergência coincide com o surgimento, no interior do capitalismo maduro, de novo modo de produção, caracterizado pela abolição da propriedade privada e pela consequente extinção da divisão da sociedade em classes. Como parte do processo de nascimento de um novo modo de produção, antagônico ao vigente, sofre o bloqueio da difusão massificada das concepções oficiais, não materialistas. Nestas circunstâncias, encontra-se limitado à fase inicial do seu desenvolvimento, aparecendo de modo fragmentário e disperso. Isto implica, no entanto, que o materialismo histórico, do qual é portador o *O Capital*, constituirá, no novo modo de produção, a síntese avançada do método científico geral, aplicado às ciências da sociedade.

Palavras-chave: O método de *O Capital*; Marxismo e método; Materialismo histórico em *O Capital*.

¹ Professor do Depto. de Economia da Universidade Federal do Paraná. E-mail: cmgermer@ufpr.br. O autor agradece os comentários do professor Paulo Balanco (UFBA), que permitiram aperfeiçoar este trabalho.

Marx's Capital as expression of an innovative method

Abstract: Marx's Capital owes its actuality not only to its content, but also to its method, historical materialism. The article inserts its development in a line of continuity with naturalist materialism, which emerges in the phase of decline of feudalism. Historical materialism is conceived of as an advanced phase of materialism, whose emergence coincides with the birth of a new mode of production inside mature capitalism, characterized by the abolition of private property and the consequent end of the division of society into classes. As part of the process of emergence of a new mode of production, antagonistic to the existing one, it is constrained by the massified diffusion of the official, non-materialistic, conceptions. Thus, it is limited to the initial phase of its development, fragmentary and dispersed. This view implies, however, that historical materialism will in the future mode of production constitute the advanced synthesis of the general scientific method in the realms of the sciences of society.

Keywords: The method of Capital; Marxism and method; Historical materialism in Capital.

JEL: B51

Introdução

A comemoração de 140 anos da publicação do primeiro volume do *O Capital* é significativa por diversos motivos, até mesmo opostos. Por um lado, os seus detratores, fixando-se no tempo decorrido de 140 anos, considerariam esta comemoração uma demonstração da obsolescência da obra por decurso de prazo, devido à sua antiguidade. Este não é um argumento sério. Por este critério a teoria neoclássica também deveria ser considerada obsoleta, pois suas obras fundantes foram publicadas durante a década de 1870, portanto poucos anos após o primeiro volume do *O Capital*. Mas os seus elementos constituintes fundamentais são muito mais antigos, elaborados nas décadas anteriores a Marx, e alguns remontando a Ricardo e mesmo antes. Alguns ramos importantes da teoria de Ricardo, cuja obra é da segunda década do século 19, sobrevivem até hoje como ramos fundamentais da teoria neoclássica, como a lei dos rendimentos decrescentes, a lei das vantagens comparativas, a teoria quantitativa da moeda. A estrutura básica da teoria quantitativa da moeda, que constitui o seu fundamento até hoje, foi lançada por Jean Bodin em meados do século 16, portanto há cerca de 450 anos, e aperfeiçoada por Hume em meados do século 18. A lei de Say, um dos pilares fundamentais das concepções neoclássicas, já celebrizada por Ricardo, também é muito anterior à teoria de Marx. As linhas mestras do libera-

lismo econômico, que estão presentes de corpo inteiro no chamado neoliberalismo atual, foram elaboradas no século 18, mais de um século antes da obra de Marx e sistematizadas por Stuart Mill algumas décadas antes de Marx. Descartadas estas alegações vulgares, uma teoria só pode ser considerada ultrapassada se for demonstrada a sua inconsistência ou se, sendo consistente, for substituída por outra teoria mais consistente, ou ainda, se a realidade que representa deixar de existir. Não se demonstrou que qualquer destas hipóteses se aplique à teoria de Marx.

Por outro lado, porém, a comemoração dos 140 anos do *O Capital* pode ser considerada um sintoma da vitalidade da obra e da teoria que representa. Se se levar em conta a perseguição sistemática que a teoria de Marx tem sofrido desde o seu surgimento, e as adversidades históricas que enfrentou, o que esta comemoração evidencia não é a sua antiguidade e suposta obsolescência, mas antes a sua vitalidade e atualidade. É verdade que o espaço da teoria de Marx no *establishment* acadêmico, em todo o mundo, estreita-se visivelmente nas últimas décadas. No entanto, isto não pode ser pacificamente admitido como sintoma do declínio da vitalidade desta teoria. É preciso lembrar que não foi a conquista prévia de espaços acadêmicos que tornou possível a difusão mundial do marxismo e a ampliação da sua influência intelectual, cultural e política até pelo menos a década de 70 do século 20. Ao contrário, foi a sua consistência teórica, a aderência da sua teoria à realidade econômica e social, superior às das teorias concorrentes, que lhe permitiram expandir-se nos meios intelectuais em geral, e nos acadêmicos em particular. É evidente também que fatores políticos e ideológicos, externos às teorias em si, afetam decisivamente a posição das teorias nas ciências da sociedade, e são frequentemente determinantes principais das flutuações cíclicas experimentadas por elas. No entanto, nota-se ao mesmo tempo que grupos marxistas, de estudo e/ou de ação política, multiplicam-se pelo mundo afora. São pouco percebidos porque resultam, na maioria dos casos, de iniciativas não oficiais que ocorrem, por assim dizer, nos subterrâneos da sociedade.

O que me parece que se deve avaliar, nesta data, é o sentido ou motivo da vitalidade e da relevância histórica da obra econômica de Marx, cuja expressão máxima é *O Capital*. Ela não consiste, talvez, principalmente no próprio *O Capital*, apesar da consistência teórica desta obra, pois, uma vez que ela analisa o capitalismo, e como este será superado em algum momento, o mesmo ocorrerá com o conteúdo do *O Capital*. Pretende-se argumentar que a relevância histórica fundamental de *O Capital* reside não no seu objeto, o capitalismo, que é historicamente passado, mas na forma do tratamento dado ao conteúdo, isto é, no seu

método revolucionário e inovador, o materialismo histórico². Enquanto o capitalismo será superado e encontra-se já em fase adiantada do seu desenvolvimento, o materialismo histórico está apenas iniciando a sua trajetória histórica, uma vez que este, como se argumentará, integra o processo de emergência, no interior do capitalismo, de um novo modo de produção, o que implica que se desenvolverá e expandirá com o desenvolvimento deste. Isto significa que o materialismo histórico se baseia em, e expressa, complexas tendências de desenvolvimento na esfera intelectual da sociedade, ainda recentes mas inscritas no processo real do desenvolvimento social.

Com o materialismo histórico, pela primeira vez na história a análise da sociedade humana foi sujeita aos mesmos critérios científicos gerais das ciências naturais, tendo como critério da verdade não as opiniões de personalidades destacadas ou as determinações de supostas potências sobrenaturais em relação a cada momento histórico, mas a análise da realidade material subjacente a cada um destes momentos. A potência criadora do materialismo e da dialética, mesmo no estágio inicial em que se encontram, foi demonstrada ao longo de cerca de um século de intensas e dramáticas mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais inspiradas nesta filosofia.

O objetivo deste artigo é desenvolver a hipótese de que o materialismo histórico constitui uma extensão filosófica e metodológica, ao campo das ciências da sociedade, dos princípios filosóficos e metodológicos que impulsionaram o desenvolvimento das ciências da natureza a partir do Renascimento. O desenvolvimento das ciências da natureza expressa o desenvolvimento de uma concepção materialista na análise e interpretação dos fenômenos naturais, mesmo ocultada pelo manto das crenças religiosas, que os cientistas tinham que ostentar como condição de sobrevivência, no início, e de aceitação social, mais tarde e até hoje. O materialismo, como concepção do mundo, foi gerado à medida que a pesquisa sistemática e metódica dos fenômenos naturais foi desenvolvendo-se. Do ponto de vista materialista, não foi a concepção materialista da natureza que gerou a pesquisa, ao contrário, foi o desenvolvimento da pesquisa que gerou a concepção materialista da natureza. E o que provocou o desenvolvimento da pesquisa nas ciências naturais não foi um repentino surto de amor ao saber, mas as necessidades práticas do capitalismo em expansão. A concepção filosófica materialista aplicada ao estudo da natureza é o que se denomina materialismo naturalista.

² Marx “escreveu dez obras e esse monumento que é o *Capital* sem jamais escrever sobre ‘dialética’ [que é seu método – CMG]. (...) nas obras teóricas de Marx, no *Capital*, etc ... sim, aí a encontramos [a dialética, o método – CMG] em estado prático, (...) mas não em estado teórico” (Althusser 1979: 151). “Marx não nos deixou a Lógica (com L maiúsculo), mas deixou-nos a lógica do *Capital*” (Lênin, citado em Althusser, ibidem).

A hipótese desenvolvida neste artigo é de que as necessidades práticas do capitalismo em desenvolvimento deram origem ao desenvolvimento da pesquisa científica nas ciências naturais, de cuja evolução progressiva resultou a elaboração também progressiva de concepções filosóficas e metodológicas correspondentes, representadas pelo materialismo naturalista. De modo análogo, as necessidades práticas da emergência de um novo modo de produção no interior do capitalismo, expresso na tendência à abolição da propriedade privada e ao desenvolvimento da propriedade social, deram origem à extensão da abordagem científica ao campo dos fenômenos da sociedade, na forma do materialismo histórico. Assim como o materialismo naturalista brotou, no seu estágio inicial, na fase decadente do feudalismo, na forma de manifestações rudimentares e enfrentando resistências poderosas, adquirindo o seu desenvolvimento velocidade somente após o estabelecimento definitivo do capitalismo, pode-se antever uma trajetória idêntica, em linhas gerais, para o desenvolvimento do materialismo histórico. Como a forma jurídica e as concepções ideológicas do capitalismo continuarão dominando, mesmo na fase final da sua trajetória histórica, o materialismo histórico deve ser concebido como encontrando-se na forma das manifestações iniciais, relativamente rudimentares, enfrentando a poderosa resistência das ideologias burguesas dominantes, mas se desenvolverá com rapidez para a sua plenitude assim que o capitalismo ceder lugar ao novo modo de produção baseado na propriedade social e no planejamento integrado da produção e da distribuição.

Assim, o significado histórico mais relevante de *O Capital* e o motivo da sua projeção no futuro seria o fato de constituir a primeira expressão de grande envergadura da aplicação do materialismo histórico. Este projeta-se no horizonte do futuro, segundo se sugere, por ser a expressão, no campo das ciências da sociedade, das manifestações iniciais de um novo modo de produção, cuja trajetória histórica, a julgar pelos modos de produção anteriores, cobrirá um certo número de séculos. O *O Capital* inscreve-se, portanto, como pedra fundamental de uma concepção filosófica e metodológica cuja trajetória histórica está apenas em seu início.

O materialismo e a dialética

Para maior facilidade dos leitores, convém fornecer definições sintéticas dos principais conceitos utilizados neste artigo, referentes ao materialismo e à dialética. O materialismo filosófico consiste na concepção de que a realidade material é a única realidade existente, nada havendo além dela, e que portanto ela pode ser conhecida em sua plenitude, sem bloqueios representados por potências sobrenaturais cujos supostos

desígnios são desconhecidos. Neste sentido o materialismo filosófico opõe-se ao idealismo filosófico, que é a expressão filosófica das crenças religiosas, para as quais a realidade material é apenas uma projeção imperfeita de uma realidade ideal inatingível pelo ser humano. A dialética materialista consiste na concepção de que a realidade material está em contínuo movimento de transformação.³ O movimento não é uma característica que determinada matéria pode ou não possuir. Ao contrário, o movimento é a própria forma de existência de toda matéria, de modo que não há matéria sem movimento.⁴ Como se exclui a hipótese da determinação sobrenatural da realidade, segue-se que as causas da transformação do real residem não nas intenções insondáveis de alguma divindade, mas na própria realidade material, e podem portanto ser identificadas pela pesquisa. O materialismo histórico consiste na combinação do materialismo filosófico com a dialética, aplicados à análise da sociedade. Isto implica conceber a sociedade como uma realidade em contínuo movimento, isto é, em transformação, de tal modo que a sua forma de organização ou modo de produção – isto é, a forma da rede de relações entre os seus integrantes – modifica-se ao longo de tempo. A função das ciências da sociedade é identificar as causas determinantes de cada forma de organização – o modo de produção – e as leis que presidem a sua contínua transformação, o seu movimento histórico.

Deve-se acrescentar uma referência à teoria materialista do conhecimento, segundo a qual as idéias e teorias constituem representações, na mente humana, da realidade material no interior da qual o ser humano vive. Não há idéias ou motivações inatas ou procedentes de esferas não materiais. Aplicando este princípio ao próprio materialismo histórico, deve-se procurar identificar os desenvolvimentos da realidade material que lhe deram origem. Isto é, o materialismo histórico, como produto da atividade intelectual do ser humano, é encarado como reflexo, na mente, de características determinadas da realidade material, que neste caso é a sociedade. Deste modo, a emergência do materialismo histórico expressa a emergência, na sociedade, de características que se refletem na mente humana na forma do materialismo histórico. O conhecimento, no entanto, é um reflexo da realidade não resultante da contemplação passiva, mas da atividade prática do ser humano, isto é, da sua intervenção prática e transformadora sobre a realidade circundante. A atividade prática fundamental do ser humano é a produção dos seus meios de existência por intermédio do trabalho. Por intermédio do trabalho o ser humano atua sobre os materiais naturais à sua volta, trans-

3 “O método marxista insiste (...) num fato essencial: a realidade a atingir pela análise e a reconstituir pela exposição (sintética) é sempre uma realidade em *movimento*” (Lefebvre 1979: 28).

4 “O movimento é a forma de existência da matéria. Nunca, em parte alguma, existiu, nem pode existir, matéria sem movimento” (Engels 1976: 51); “Tudo que existe, tudo o que vive sobre a terra ou na água, só existe, só vive por intermédio de algum movimento” (Marx 1977: 128).

formando-os segundo as suas necessidades, e ao fazê-lo desenvolve o seu próprio conhecimento sobre eles (Germer 2003).

Na medida que a projeção adquirida pelo *O Capital* decorre da excelência do seu método, seria mais correto referir-se à obra de Marx como materialismo dialético do que como marxismo, o que em nada desmerece o gênio amplamente reconhecido de Marx. Isto permitiria, nas palavras de Lefebvre, compreender a teoria antes como expressão inaugural de uma nova era teórica e filosófica, do que apenas de um indivíduo finito (Lefebvre 1979:18ss).

Materialismo naturalista e materialismo histórico

O critério materialista requer que se conceba a emergência do materialismo naturalista como resultado do desenvolvimento de condições materiais adequadas na sociedade. O materialismo naturalista tem sua localização e origem exatas no âmbito das relações do ser humano com a natureza. Mas as relações com a natureza constituem apenas uma das dimensões da atividade prática do ser humano, o trabalho. O trabalho em sociedade é trabalho social, isto é, trabalho cooperativo, em termos técnicos. Mais precisamente, o trabalho social é o organismo social de trabalho, ou a rede de trabalhos diferenciados mas interconectados, formando uma totalidade coerente, sobre a qual se apóia a reprodução da sociedade. Daí decorre a segunda dimensão do trabalho: a das relações dos seres humanos uns com os outros no processo de produção e distribuição dos produtos do trabalho (Germer 2003). É no âmbito das relações entre os seres humanos que se localizam as ciências sociais e especificamente o materialismo histórico. As relações do ser humano com a natureza e as suas relações recíprocas, uns com os outros, constituem, em conjunto, apenas uma das dimensões da sua atividade prática: a prática material. O materialismo naturalista e o materialismo histórico são produtos da outra dimensão da atividade humana prática, a atividade ou prática mental ou intelectual (*Ibidem*). Ora, do ponto de vista materialista, os produtos da atividade intelectual são expressões intelectuais da atividade prática material, que é o trabalho social. Como o trabalho social compreende duas relações – com a natureza e entre os indivíduos –, segue-se que a prática intelectual elabora as expressões mentais dos conhecimentos adquiridos através da atividade nestas duas relações, que se expressam nos conhecimentos sobre a natureza e sobre a sociedade, respectivamente.

Assim como o ser humano elabora progressivamente, no plano intelectual, os métodos que se expressam na sua prática material, de modo análogo elabora progressivamente os métodos da prática intelectual, ou seja, os métodos do pensamento. O desenvolvimento da pesquisa

sistemática nas ciências naturais, como decorrência da penetração do capital na esfera da produção, iniciada com a emergência da produção capitalista, originou progressivamente a elaboração dos métodos correspondentes, que convergiram em uma concepção metodológica geral, que é o materialismo naturalista, embora, como se verá, este mantém limitações que só poderão ser superadas com a abolição da divisão da sociedade em classes. De modo análogo, as características sociais do capitalismo estenderam progressivamente a investigação metódica ao campo da sociedade, descobrindo-se a existência das diferenças de classes e das relações entre as mesmas. As concepções materialistas espontâneas nascidas nas ciências naturais estenderam-se a este campo e deram origem ao surgimento do materialismo histórico.

O materialismo naturalista literalmente brotou, de modo espontâneo, dos primeiros laboratórios rudimentares, da observação e da experimentação metódicas que, a partir do Renascimento e como expressão de novas realidades sociais, substituíram os livros sagrados como critério da verdade. Mas o seu desenvolvimento não foi um processo gradual e pacífico, restrito aos ambientes dos laboratórios e gabinetes de estudo. Ao contrário, laboratórios e gabinetes eram poucos, assim como não existia a própria divisão do trabalho no âmbito científico. A pesquisa e a experimentação prática nas ciências da natureza desenvolveram-se no interior da própria atividade prática cotidiana da produção e da circulação, em um contexto explosivamente conflituoso, enfrentando a tenaz resistência dos dogmas religiosos e preconceitos sociais que presidiavam todos os aspectos da vida social. A história mostra como as ciências da Natureza, e o materialismo naturalista que as caracteriza, lutaram arduamente durante séculos para se libertar da intolerância, da perseguição religiosa e ideológica e da repressão policial (Engels 1964), até que, a partir de um certo momento, que se situa em algum ponto do século 19, conseguiram passar a ser reconhecidas e valorizadas socialmente, embora com restrições remanescentes mencionadas a seguir.

A aplicação do materialismo histórico às ciências da sociedade é atualmente vítima dos mesmos tipos de restrições. Assim como Galileu, para não ser condenado à fogueira, teve que reconhecer que a terra estava imóvel no centro do universo, os cientistas sociais de hoje são constrangidos a reconhecer que o capitalismo é o centro eterno e imutável do universo social, para não serem condenados à fogueira do ostracismo, da marginalização e do descrédito. Neste sentido os vínculos existentes entre estas restrições e as exigências ideológicas da manutenção do poder burguês assemelham-se aos existentes entre as restrições ao desenvolvimento das ciências naturais e as exigências da manutenção do poder feudal entre os séculos 14 e 19. Pode-se portanto fazer um paralelo entre a repressão ideológica, cultural, e mesmo policial contra o materialismo histórico atualmente, no período de emergência do so-

cialismo, e a repressão idêntica sofrida pelos primeiros praticantes do materialismo naturalista no período de emergência do capitalismo. Sendo esta analogia adequada, deve-se concluir que, assim como o materialismo naturalista acabou por se impor nas ciências naturais, o mesmo ocorrerá com o materialismo histórico nas ciências sociais. Não porque este destino esteja traçado em algum livro sagrado, mas porque ele expressa o próprio movimento, em curso, de transformação da sociedade. Não será o impulso intelectual do materialismo histórico como teoria que o levará a impor-se à sociedade, mas o desenvolvimento material da sociedade que reclamará a libertação das ciências da sociedade das restrições às quais estão hoje sujeitas. Assim como as ciências naturais se desenvolveram como resultado do progressivo domínio do ser humano sobre a natureza, as ciências da sociedade terão que desenvolver-se por exigência do crescente domínio do ser humano sobre as características da sociedade. Isto é, será preciso dominar as potências ciclópicas que brotam da dinâmica da sociedade, assim como foi e continua sendo necessário dominar as forças que brotam da natureza.

Pode-se talvez dizer, em síntese, que as restrições ao materialismo naturalista expressavam, no plano intelectual, as contradições de interesses entre a burguesia nascente e o poder feudal. De modo análogo, as atuais restrições ao materialismo histórico constituiriam a expressão, no plano intelectual, das contradições de interesses entre o proletariado e o poder burguês. Assim como as ciências naturais e o materialismo naturalista somente puderam florescer sob o capitalismo, deve-se esperar que o materialismo histórico somente possa desenvolver-se na sua plenitude em uma sociedade sem classes, isto é, no socialismo.⁵

O exposto parece conduzir a duas conclusões: a primeira é que o materialismo histórico corresponde, nas ciências da sociedade, ao materialismo naturalista, já dominante (embora de forma encoberta, de fato mas não de direito, como se argumentará a seguir) nas ciências naturais. Ambos expressam, em uma perspectiva histórica, o progressivo aumento do domínio intelectual do mundo material (natureza e sociedade) pelo ser humano, paralelamente ao aumento do seu domínio material; a segunda conclusão é que o materialismo naturalista somente se desenvolveu até a plenitude a partir do estabelecimento do capitalismo, quando as restrições feudais ao desenvolvimento científico foram extintas. O materialismo naturalista, da sua fase espontânea e dispersa inicial, teria se concretizado em uma formulação totalizante, que constituiria na atualidade a base explícita das ciências particulares. O materialismo histórico, em contrapartida, situado apenas na fase inicial do

⁵ Não foi possível incluir neste artigo uma abordagem, mesmo que genérica, que seria essencial, do nível de desenvolvimento atingido pelo materialismo histórico na antiga União Soviética e demais antigos países socialistas.

seu desenvolvimento e limitado pelas restrições derivadas do antagonismo de classes próprio do capitalismo, estaria desenvolvendo-se apenas em forma espontânea e pulverizada nas diversas disciplinas da ciência da sociedade.

A segunda conclusão, paradoxalmente, não corresponde às evidências disponíveis. As limitações decorrentes dos antagonismos de classe presentes no capitalismo, sociedade na qual a autoridade divina inscreve-se como componente necessário da ideologia justificadora do sistema de exploração em que se baseia, impediram que, mesmo após o estabelecimento do domínio capitalista, o materialismo naturalista se expressasse em sua plenitude filosófica e metodológica. Duas restrições graves ainda persistem: a mais importante é que o materialismo como filosofia explícita da ciência moderna ainda não pode ser proclamado abertamente, e consequentemente não pode ser elaborado em sua plenitude. Exemplo disto é a coletânea de Moser e Strout, sobre o ‘materialismo contemporâneo’, que assume uma clara posição materialista, e que parece, portanto, contradizer o que se está afirmado. No entanto, o caráter limitado deste materialismo revela-se, em primeiro lugar, no seu caráter eminentemente naturalista e, em segundo lugar, na omissão da dialética e do materialismo aplicados às ciências sociais, o que pode ser atribuído às poderosas barreiras ideológicas vigentes no establishment acadêmico dos países capitalistas desenvolvidos. É ilustrativo disto o fato de que uma das seções do livro, cujo título é ‘materialismo e valor’, em que se esperaria encontrar algo sobre a teoria do valor econômico, apenas se refere ao valor segundo o enfoque moral e ético. Mesmo assim, a proclamação do materialismo naturalista, que aparece no primeiro parágrafo do prefácio dos organizadores, é significativa:

Materialism, put broadly, affirms that all phenomena are physical. Questions about materialism, or ‘physicalism’, currently guide word in various areas of philosophy: (...) Materialism is now the dominant systematic ontology among philosophers and scientists, and there are currently no established alternative ontological views competing with (Moser & Strout 1995: ix).

Outro exemplo, no mesmo sentido, é a obra de Dawkins, que expõe uma apaixonada defesa do ateísmo e uma contundente crítica das crenças religiosas, limitando-se no entanto a uma abordagem superficial, sem qualquer pretensão de caracterizar o ateísmo como uma expressão do materialismo filosófico. Mas Dawkins argumenta, com base em diversas pesquisas altamente representativas, que os cientistas naturais de hoje, na sua imensa maioria, são ateus, o que significa, em termos filosóficos, que são materialistas (Dawkins 2007).

Em segundo lugar, restrições obscurantistas persistem em ramos específicos importantes, entre os quais se destacam as teorias da evolução das espécies, da origem da vida em geral e do ser humano em particular, das raças humanas, da origem e evolução do universo, entre outras. Estas restrições persistentes ao materialismo naturalista atingem os ramos do saber cuja formulação materialista ameaça seriamente os pilares ideológicos da justificação do capitalismo e decorrem portanto dos antagonismos de classes que caracteriam esta sociedade. Por outro lado, enquanto a dialética foi explicitamente combinada ao materialismo na ciência da sociedade, por Marx e Engels e seus seguidores, as ciências naturais mantêm procedimentos que são dialéticos de fato, ou implicitamente (o que se expressa na concepção totalizante da realidade, na admissão da evolução dos fenômenos como fases de processos, etc.), mas isto não se converteu em adoção consciente e explícita. Mesmo após a elaboração da dialética por Hegel, e sua reelaboração materialista por Marx, continua existindo um materialismo naturalista que ignora a dialética como método geral no plano filosófico e metodológico, embora o pratique na atividade científica prática. Estes fatos atestam que não apenas as ciências da sociedade, mas as próprias ciências da natureza, são obstaculizadas, no seu desenvolvimento, pelos antagonismos de classe que caracterizam o capitalismo, o que significa que não apenas as ciências da sociedade, mas também as da natureza, somente poderão desenvolver plenamente o seu caráter científico em uma sociedade sem classes.

Considerando a adoção explícita do materialista dialético pelas ciências da sociedade, através de Marx e Engels, pareceria que a prática científica estaria mais desenvolvida nas ciências da sociedade do que nas da natureza. Isto, porém, visivelmente não é verdade. Nas ciências sociais do mundo capitalista predominam concepções idealistas, expressas, por exemplo, no individualismo metodológico, que atribui as características da sociedade capitalista a inclinações inatas, imutáveis, inscritas na consciência humana desde sempre. Por outro lado, seguindo a argumentação desenvolvida neste artigo, o materialismo histórico, mesmo na formulação de Marx e Engels, encontra-se em uma fase apenas inicial, cujo desenvolvimento ulterior depende essencialmente da transição a uma sociedade sem classes, na qual não haja interesses particulares, de classes, a proteger em detrimento do interesse geral, que são o fundamento das restrições ao desenvolvimento do materialismo histórico.⁶

6 Dá-se com o materialismo histórico o mesmo que ocorre com as forças produtivas, das quais é parte. O desenvolvimento das forças produtivas é contínuo, mas, a partir do momento em que ameaça a existência das relações de produção vigentes, passa a ser obstaculizado, sem poder no entanto ser revertido, sendo libertado de restrições após a instituição de novas relações de produção pela revolução política. Embora contidos no seu desenvolvimento, as forças produtivas e o materialismo histórico, no grau de desenvolvimento atingido no capitalismo, constituem pressupostos essenciais à transição a novo modo de produção.

A situação é paradoxal, pois no campo científico do mundo capitalista as ciências da natureza estão extraordinariamente desenvolvidas, o que significa que utilizam procedimentos materialistas específicos nas diversas disciplinas, sem que, no entanto, se tenha elaborado uma síntese geral do materialismo naturalista. Embora isto seja uma limitação (no sentido de que uma teoria mais avançada constitui um fator de dinamização do avanço da ciência, ao passo que a manutenção de teorias menos avançadas constitui um fator de contenção do avanço), o materialismo de fato está inscrito nos métodos das disciplinas específicas, pois preside os seus procedimentos práticos. No campo das ciências da sociedade oficiais, no entanto, não existe sequer um materialismo ingênuo ou mecanicista, mas uma pura e simples conversão dos preconceitos burgueses em princípios metodológicos, do que o símbolo máximo é o individualismo metodológico.

A teoria de Marx expressa os lineamentos de novas realidades emergentes. Teorias deste tipo dão impulso à aceleração do desenvolvimento das novas realidades que expressam. Assim, a teoria de Marx impulsionou os processos de transformação emergentes em todo o mundo, explicitou o sentido e os eixos das mudanças que operavam, de modo ainda não percebido, nos subterrâneos da sociedade. A sua teoria nada inventou, apenas deu nome, voz e legitimidade a estes eixos de mudança e aos seus agentes. A partir do surgimento da sua teoria, os elementos potenciais de mudança, já presentes na realidade, puderam articular-se em um força transformadora dotada de consciência e de direção histórica, que promoveu uma das mais poderosas ondas de mudança social de que se tem notícia, representando provavelmente o primeiro ciclo da transição histórica do capitalismo ao socialismo. Se é este realmente o significado da teoria de Marx, se ela se enraíza nas características do mundo realmente existente, pode-se esperar que ela terá desdobramentos ainda mais significativos em futuro não muito distante.⁷

Esta é a razão pela qual a teoria de Marx sobreviveu, até hoje, a todas as adversidades. Ela não pode ser erradicada porque a realidade que expressa é o mundo real em desenvolvimento, que não pode igualmente ser erradicado. Por expressar o mundo realmente existente, a teoria de Marx, quando parece derrotada, renasce novamente de modo espontâneo, como os cogumelos brotam nos gramados após a chuva, sempre que o movimento transformador residente nas profundezas do mundo real se reanima. Hoje este movimento é invisível, como o próprio

⁷ "... o marxismo surgiu com a sociedade 'moderna', com a grande indústria e o proletariado fabril. Apresenta-se como a concepção do mundo que exprime este mundo moderno, as suas contradições, os seus problemas ..." (Lefebvre 1979:13).

proletariado⁸, e parece inexpressivo, e mesmo quando visível é negado, e correspondentemente o materialismo histórico e a teoria de Marx parecem irrelevantes. Mas assim que as contradições presentes no mundo real adquirirem as dimensões necessárias, é consistente esperar que a teoria que representa o seu movimento ressurgirá também.

Conclusões

Neste artigo procurou-se fundamentar a opinião, expressa por diversos dos mais expressivos autores marxistas, de que o motivo da longevidade e da atualidade da obra máxima de Marx, *O Capital*, é não apenas o seu conteúdo – a análise do modo de produção capitalista – mas principalmente o seu método, o materialismo histórico, como expressão da aplicação do materialismo dialético às ciências da sociedade. Procurou-se inserir o desenvolvimento do materialismo histórico em uma linha de continuidade com o materialismo naturalista, por um lado, e relacionando a sua emergência no capitalismo amadurecido, às condições de emergência do materialismo naturalista na fase de auge/declínio do feudalismo.

Procurou-se assim fundamentar a hipótese de que o materialismo histórico constitui uma fase avançada do materialismo, como concepção filosófica geral, cuja emergência coincide com a emergência, no interior do capitalismo maduro, dos primeiros elementos do novo modo de produção, o socialismo, caracterizado essencialmente pela abolição da propriedade privada e pela consequente extinção da divisão da sociedade em classes. No entanto, como parte deste processo de nascimento de um novo modo de produção, antagônico ao vigente, o materialismo histórico sofre, no campo filosófico e científico e também na sociedade como um todo, o bloqueio através da difusão massificada das concepções oficiais, não materialistas. Nestas circunstâncias, o materialismo histórico, mesmo representando uma fase avançada do materialismo, encontra-se limitado à fase inicial do seu desenvolvimento, aparecendo de modo fragmentário, rudimentar e disperso. Isto significa, no entanto, que o materialismo histórico, do qual é portador o *O Capital*, constituirá a síntese avançada do método científico geral, aplicado tanto às ciências naturais quanto às ciências sociais, embora com as especificidades exigidas por cada um destes campos da ciência.

⁸ Segundo Bensaïd, a ‘condição proletária’ foi tornada invisível, como resultado da ofensiva ideológica burguesa no contexto da inferioridade política momentânea do proletariado (Bensaïd 2001:31).

Referências

- ALTHUSSER, Louis (1979). *A Favor de Marx; Pour Marx*. 2a. ed. Rio de Janeiro : Zahar.
- BENSAÏD, Daniel (2001). *Les irréductibles : théorèmes de la résistance à l'air du temps*. Paris : Textuel.
- DAWKINS, Richard (2007). *Deus um Delírio*. São Paulo : Companhia das Letras.
- ENGELS, Friedrich (1964) [1925]. *Dialectics of Nature*. Third Revised Edition. Moscow : Progress Publishers.
- ENGELS, Friedrich (1976) [1878]. *Anti-Dühring*. Rio de Janeiro : Paz e Terra..
- GALIANI, Ferdinando (2000) [1751]. *Da moeda*. São Paulo: Musa / Curitiba : Segesta.
- GERMER, Claus (2005). The commodity nature of money in Marx's theory. In: MOSELEY, F. (Ed.). *Marx's theory of Money : modern appraisals*. Basingstoke, UK : Palgrave Macmillan. pp. 21-35.
- GERMER, Claus M. (2002). O caráter de mercadoria do dinheiro segundo Marx – uma polêmica. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, n. 11, p. 5-27, dezembro.
- GERMER, Claus M. (2003). A relação abstrato/concreto no método da economia política. In: Corazza, G. (Org.). *Métodos da ciência econômica*. Porto Alegre : Editora da UFRGS, pp. 61-92.
- GERMER, Claus M. (2006). As forças produtivas e a revolução social revisitadas. *XI Encontro Nacional de Economia Política*. Vitória (ES), 14-16/6/06. Anais em CD, Seção Capitalismo Contemporâneo e Socialismo.
- LEFEBVRE, Henry (1979). *O Marxismo*. 5a. ed. SP / RJ, Difel/Difusão Editorial.
- LUXEMBURGO, Rosa (s/d). *Introdução à Economia Política*. São Paulo : Martins Fontes.
- MARX, Karl (1977) [1885]. Das Elend der Philosophie : Antwort auf Proudhons "Philosophie des Elends". Deutsch von E. Bernstein und K. Kautsky; Vorwort und Noten von F. Engels. Berlin : Dietz Verlag. In: K. MARX / F. ENGELS. Werke, Band 4, p. 62-183 (1ª. ed. 1847).
- MARX, Karl (1978) [1885]. *Miséria da Filosofia*. Lisboa : Editorial Estampa.
- MOSER, Paul & TROUT, J. (Eds.) (1995). *Contemporary materialism: a reader*. London: Routledge.